EDITORIAL*

Luiz Simões Lopes

Enquanto a política, com sua cruel dramaticidade, pode cobrar a vida de grandes homens, como o fez com Vargas, o universo técnico-acadêmico, embora mais generoso, pode cobrar, com suas exigências, toda uma vida, como o fez com Luiz Simões Lopes. Qual seu líder, ele nos deixa para entrar na história desse país que ajudou a construir.

Qualquer reflexão que se faça sobre o dr. Simões só pode alcançar o significado pleno de sua variada e relevante contribuição se, além de atentar para as múltiplas realizações materiais e concretas, der conta dos valores que pioneiramente ajudou (e aqui faço uma concessão a sua sempre presente humildade) a entronizar em nosso meio. O conceito de interesse público talvez seja o que melhor resuma, na dimensão valorativa, o compromisso de Simões Lopes para com a vida.

Ao Dasp de Simões Lopes coube dar operacionalidade ao projeto político-administrativo do Estado Novo. Assim como hoje representa uma exigência dos tempos a redefinição do pacto federativo no sentido da descentralização e do conseqüente fortalecimento de estados e municípios, a realização dos ideais tenentistas de 22 e revolucionários de 30 requeria viabilizar o poder central. A ação desagregadora dos interesses localizados, própria das oligarquias regentes do modelo agrário exportador, batia de frente com os processos associados de industrialização e urbanização. Para tanto, fazia-se necessária uma burocracia pública federal que aderisse aos requisitos de racionalidade impostos pela modernização, capaz de sustentar aqueles processos.

Inspirados nas experiências de reforma administrativa norte-americanas, Simões e seus associados — uma verdadeira equipe de trabalho — introduziram no aparelho público estatal os princípios basilares do mérito, do treinamento e profissionalização do administrador público, da gestão orçamentária e das compras governamentais, ainda hoje tão caros à Nação.

Como bom gaúcho, afeito à boa peleja, Simões Lopes tinha plena consciência de que sua luta dependeria da perseverança e independência de seus combatentes. Mais importante do que estarem dentro do governo, sujeitos às injunções políticas conjunturais e ao prestígio efêmero dos cargos, era no domínio do conhecimento técnico-científico que seus agentes de mudança encontrariam suas armas, agindo como multiplicadores nessa revolução permanente. A Fundação Getulio Vargas foi o bastião que os agregou. Criada e dirigida por Simões Lopes, representa em seus 50 anos de existência a expressão máxima de uma sofisticada engenharia institucional. Na qualidade de estabelecimento de ensino e pesquisa independente, situada na interface da sociedade e do Estado, pode servir a ambos com desenvoltura a partir de um ideário cultivado e inculcado por Simões em seus seguidores: inovação e pioneirismo, isenção partidária nas ações institucionais, austeridade exemplar e prevalência do saber são alguns dos valores mais caros a esta Casa.

Nela Simões criou os espaços para o exercício da liderança intelectual compartilhada por notáveis como Octavio Gouvêa de Bulhões, Afonso Arinos, Emilio Mira Y López, Eugênio Gudin, Benedicto Silva e tantos outros que o espaço não permite declinar. Como podemos mensurar a contribuição de uma Escola de Administração de Empresas de São

* Publicado originariamente no *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 30 mar. 1994. p. 4.

Paulo para a formação dos quadros gerenciais privados brasileiros? Como estimar a contribuição de uma Escola de Pós-Graduação em Economia ao complexo debate econômico de nossos tempos, ou de uma Escola Brasileira de Administração Pública para a reflexão sistemática sobre a gestão da burocracia e contínua formação de seus quadros gerenciais? Como avaliar a missão de um Centro de Pesquisas e Documentação em História Contemporânea na formação de nossa consciência política nacional? Como imaginar a gestão econômica do Brasil sem os instrumentos e índices desenvolvidos pelo Instituto Brasileiro de Economia? Qual o impacto das revistas técnico-científicas da FGV, dentre elas a *RAP*, menina dos olhos de Simões Lopes, para o silencioso mas indispensável diálogo acadêmico de todas essas áreas do conhecimento social? Que promessas nos traz um Instituto Superior de Administração e Economia da Amazônia para a definitiva integração e o desenvolvimento sustentado daquela importante mas ainda desconhecida região?

Neste momento nacional de incertezas e apreensões, mas sobretudo de reconstrução, Simões Lopes nos deixa, não sem antes ter contribuído direta ou indiretamente para os conhecimentos, habilidades técnicas, comportamento e valores de milhares de brasileiros que prosseguem, à gaúcha, pelejando.

Bianor Scelza Cavalcanti